

Simon critica discurso de Figueiredo

PORTO ALEGRE (O GLOBO) — O candidato do MDB à vaga direta do Senado, pelo Rio Grande do Sul, Pedro Simon, criticou ontem, em Erechim, a 360 quilômetros desta capital, o General João Baptista de Figueiredo, dizendo que "o ungido de Geisel usou as palavras para esconder seu pensamento, mas esqueceu que falava aos gaúchos e que somos, realmente, um povo altamente politizado".

— Em Santa Catarina — disse Simon — ele anunciou tropeços na retomada da democracia, que inclusive poderiam fazer tudo voltar à estaca zero, isto é, aqui-lo que ele já definiu, numa de suas primeiras entrevistas, como um regime pior do que o atual. Depois, no Rio Grande do Sul, veio garantir a promoção democrática em seu Governo, mas confessando que, no passado, esteve de acordo com os retrocessos. Então, é mais um a prometer para amanhã o que pode ser feito hoje.

Pedro Simon comparou Figueiredo a Geisel que, ao assumir o Governo, afirmou que entregaria o País democratizado.

— E, no entanto, nos deixará o Pacote de Abril, enquanto busca iludir o povo, com uma meia sola no regime opressor que o fez Presidente e, dentro do qual, indicou Figueiredo para sua sucessão.

Para o candidato da oposição ao Senado, a Lei Falcão "representa o que mais obscurantista existe em todo o arsenal do arbitrio, pois nega ao povo o conhecimento do pensamento e das propostas daqueles que se apresentam a ele, buscando a representatividade do voto".

— O regime autoritário, instalado no País em 64 — acrescentou Simon — quer o povo mudo para protestar, surdo para não ouvir a oposição e cego para não ver que falta pão à sua mesa, enquanto o Governo protege uma minoria, facilitando-lhe a fortuna. Sem debate, o Governo se adona de toda a verdade e dela faz seu monopólio particular.

Ainda se referindo à Lei Falcão, Pedro Simon voltou a falar do General Figueiredo:

— Ele acha inoportuna a extinção dessa lei, no momento. E sempre assim, nada que seja realmente democrático é oportuno, para os privilegiados da opressão que nos governa há mais de 14 anos.

O GLOBO

31 JUL 1979